

Reflexões sobre a História e Historiografia da Medicina em Portugal: Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida

Nuno Bessa Moreira¹

Resumo:

Este estudo inscreve-se no âmbito da História da Historiografia da Medicina. O entendimento da História da Historiografia da Medicina pode sair enriquecido do contacto com a História da Historiografia em sentido restrito. Que sentido ou relevância pode ter o estudo das práticas historiográficas de Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida? Desde logo, pretende-se ressaltar a importância destes intelectuais que, antes de serem formados em Medicina, eram humanistas. Procurar-se-á perceber o contributo destes dois autores para a certificação da medicina como ciência em diversas vertentes, que contemplam a divulgação de conhecimentos promovida por ambos por via da criação de iniciativas pertencentes à imprensa periódica – ou a participação na Revista de História –, sem esquecer uma homenagem a um mestre (Pedro Dias) ou à instituição onde aqueles dois colegas se formaram e percorreram dois caminhos, distintos mas paralelos, a Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Palavras-Chave: História da Historiografia, História da Medicina, *Revista de História*, Maximiano de Lemos, Tiago de Almeida.

Abstract

This study is related with the History of Historiography of Medicine. Understanding the History of Historiography of Medicine enriches the contact with the History of Historiography. What meaning or relevance may have the study of historiographical practices of Maximiano de Lemos and Tiago de Almeida? First, it is intended to emphasize the importance of these intellectuals who, before being trained in medicine, were humanists. It will realize the contribution of these two authors for certification of medicine as science in various aspects, which include the dissemination of knowledge promoted by both through the creation of initiatives belonging to the periodical press - or participation in the *Revista de História* - without forgetting a tribute to a master (Pedro Dias) or the institution where those two colleagues formed and walked two paths separate but parallel, the Medical Surgical School of Oporto.

Key words: History of Historiography, History of Medicine, *Revista de História*, Maximiano de Lemos, Tiago de Almeida.

¹ Investigador Pós-Doutoramento na *Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Doutorado em *História* pela *Faculdade de Letras do Porto*. É colaborador do CIJVS e do CITCEM (*Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória*).

1. Introdução: Breves apontamentos sobre História da Historiografia da Medicina em Portugal

Do nosso ponto de vista, a História da Historiografia *tout court* constitui um domínio de estudo no seio da história como ciência. Ocupa-se, em diacronia e sincronia, das condições espaço-temporais, institucionais e biográficas de surgimento e desenvolvimento do ofício dos historiadores. A abordagem privilegiada pelo texto que em seguida se desenvolve coloca em segundo plano a saúde – considerada em sentido lato –, estribando-se na explanação de uma das suas vertentes, que contribui decisivamente para a respectiva promoção. Trata-se da Medicina.

O trabalho dos cultores de Clio, enquanto conhecimento científico, comporta, pelo menos, uma vertente profissional e outra disciplinar. A primeira concita um enquadramento sócio-cultural, no qual se integra, e a segunda implica um conjunto de princípios, valores, mas também de paradigmas, modelos, teorias, conceitos, métodos, que determinam a escrita historiográfica. A nossa perspetiva identifica-se com a História da Historiografia, enquanto promotora da relação entre ambos os domínios contidos nesta designação e constitui-se como teoria aplicada a situações concretas. A Filosofia da História pode ser encarada sob diversos prismas: enquanto disciplina, subdisciplina ou ciência autónoma; como método, objeto, ou conceito, e suscita várias questões relativas à natureza, ao objeto, com reflexos no enquadramento institucional que traduz um dos âmbitos de concretização da Filosofia da História, e pode ajudar a responder às seguintes interrogações colocadas por Berkeley Eddis: «*how may single philosophies of history be evaluated, and in what ground may one philosophy of history be preferred to another?*»²

Num texto que consideramos seminal, pelos caminhos que abriu e permitiu desbravar, intitulado *Pour une Histoire de l'Historiographie*, publicado no primeiro número da Revista *Storia della Storiografia*, relativo a 1981, o historiador francês Charles Carbonell elabora um manifesto a favor da sua disciplina de eleição, reclamando a respetiva prática e escrita como um exclusivo de historiadores.³ Nesta medida, a História da Historiografia da Medicina pode partilhar as características gerais enunciadas respeitantes à História da Historiografia, direccionando-as para os cultores da História da Medicina, de forma a perceber o modo como os respectivos contextos sócio-culturais influenciaram os seus trajectos biográficos, sem obliterar a relevância destes no ofício de *Clio* especificamente em causa, percorrido por práticas historiográficas traduzidas em escritas várias.

2 Berkeley Eddins, "Historical data and policy decisions: a key to evaluating philosophies of history". In *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. 26, n.º 3. Providence: Brown University, 1966, p. 427.

3 Cfr. Charles-Olivier Carbonell, *Pour une Histoire de l'Historiographie*. In *Storia della Storiografia*, vol.1. Milão: Jaka Book, 1981, pp.7-25; Nuno Bessa Moreira - *A Revista de História (1912-1928): Uma Proposta de Análise Histórico-Historiográfica*, vol.1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Dissertação de Doutoramento], pp. 22-23.

Maximiano de Lemos tem sido alvo de atenção por parte de alguns historiadores actuais, mas falta, julgamos, uma biografia desta personalidade – a menos que esteja em curso alguma – e têm cabimento todas as pesquisas que sobre ele estão por fazer ou publicar. Relativamente a Tiago de Almeida, o silêncio é, segundo cremos, bem mais pesado. Estas ressalvas funcionam como motivações para este artigo, mas não apagam as perplexidades que se encontram na sua génese, funcionando paradoxalmente como respectivo eixo propulsor.

Este artigo exime-se a constituir-se essencialmente como um inventário exaustivo ou meramente descritivo da vida e obra de Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida, efectuando, outrossim, um inquérito problematizante, interpretativo e crítico a uma parte circunscrita da respectiva actividade intelectual. Não se encaram os dois estudiosos como *génios* ou *seres iluminados*, ao arrepio dos enquadramentos epocais espaço-temporais, aos quais os Professores da Faculdade de Medicina do Porto se sujeitam, assimilando-os e afeiçoando-os a seu modo. Por outro lado, o percurso historiográfico destes autores não se resume à enunciação de factos e datas expostos diacronicamente. Neste artigo seleccionam-se acontecimentos considerados importantes para a compreensão das ideias de Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida. Estas e a forma de expressá-las discursivamente não são irrelevantes para a compreensão das tentativas de legitimação dos respectivos lugares no seio da elite dos saberes, e da Medicina em particular. As práticas historiográficas dos referidos docentes são condicionadas pelas imagens e pelos conceitos que de si próprios pretendem veicular, através de mecanismos cognitivos e simbólicos utilizados para esse efeito.

2. Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida: Uma escola, dois caminhos

Maximiano Augusto de Oliveira Lemos Júnior nasceu na Régua em 1861. Formou-se em Medicina em 1881, situação que lhe permitiu pensar em concorrer a um lugar de professor na Academia Politécnica do Porto, mas não chegou a prestar provas para esse efeito. Era ainda muito inexperiente, dado que há pouco deixara de ser aluno, tendo sido colega de Alfredo Magalhães, Ricardo Jorge ou Sampaio Bruno, que o consideravam extrovertido e bem-disposto, conforme testemunhou Hernâni Monteiro: «No seu tempo de estudante, como referem Sampaio (Bruno), Alfredo Magalhães e Ricardo Jorge, era alegre e folgazão e dado às musas»⁴.

Em 1881, Maximiano de Lemos concluiu a sua dissertação inaugural, intitulada *A Medicina em Portugal até ao século XVIII (Tentativa histórica)*. Este título e o seu conteúdo inscrevem os esforços intelectuais do seu autor no âmbito da História da Medicina, investigando as respectivas origens e diacronia até Setecentos. O próprio investigador tem consciência de que este seu labor constitui uma *tentativa histórica*. Esta humildade não coloca em causa o facto de Maximiano de Lemos saber que estava a preencher lacunas em matéria de *Clio*. Contudo, não deixou de se servir das palavras de Alexandre Herculano

⁴ Hernâni Monteiro, “Escorço biográfico de uma grande figura da medicina portuense: Maximiano de Lemos”. In *Revista O Médico*, n.º 489, Porto, 1961, p. 13.

como epígrafe à introdução da dissertação em causa. Este gesto coloca o seu autor como herdeiro da linhagem herculaniana, que aquele reclama para si sem explicá-la. Reproduzimos em seguida as palavras do mestre oitocentista: «Os nossos esforços não são inteiramente perdidos para a história. Maiores capacidades virão depois reunir materiais dispersos que nós não pudemos ajuntar, ou fazer melhor uso dos que encontrámos»⁵

Qualquer investigação se situa num tempo da história, possui uma *genealogia* e constitui uma narrativa *in media res*, à espera de ser corrigida e melhorada no futuro, entendendo-se o conhecimento científico como um processo sujeitável a revisão permanente. Maximiano de Lemos também pensava assim, de tal modo que acrescentou ao exemplo de Alexandre Herculano considerações pessoais acerca da necessidade sentida, em finais do século XIX, de legitimar a História da Medicina como âmbito disciplinar incipiente. A percepção desta incipiência e a *tentativa* de contribuir para colmatá-la levaram Maximiano de Lemos a proferir as seguintes palavras, de teor auto e meta-reflexivo, em defesa da criação de uma *comunidade*, considerando a sua existência urgente para o desenvolvimento de um espírito científico socialmente situado: «Todo aquelle que monopolisa os resultados a que chegou torna-se reu de um crime que não pode merecer absolvição. Esquecendo-se que não pertence a si próprio mas à comunidade (...)»⁶. Maximiano de Lemos não se quedou por declarações de intenções, plasmadas na sua *Dissertação Inaugural*, ela própria edificação concreta e material de resgate do passado da História da Medicina, como ponte para a respectiva consolidação científica no presente do historiador, que resolveu lançar um *anuário* para divulgar e difundir as novidades e os progressos médicos atingidos pelos colegas seus contemporâneos, exortados a participar neste empreendimento.

Em 1884, Maximiano de Lemos começou a publicar o *Anuário dos Progressos da Medicina em Portugal*. No prefácio ao primeiro número, Ricardo Jorge elogia o pioneirismo do seu amigo, contrapondo o respectivo trabalho a um alegado marasmo em que a prática e a docência médica viviam, subordinadas, alegadamente, a rotinas, mercantilismos e interesses instalados: «Luctando contra estas calamidades desencadeadas, o momento medico-científico cresce em quantidade e aprimora-se em qualidade. Mas a anomalia maléfica ainda em regra estende sobre elle o manto glacial da indiferença (...)»⁷

Dois anos volvidos, Maximiano de Lemos encetou o esforço de dar à estampa os *Arquivos da História da Medicina*. Paralelamente, esta personalidade iniciara o exercício da sua profissão de médico no seio do exército, primeiro em Estremoz, e depois em Gaia. Atingiu o posto de Tenente-Coronel. Muito depois de ter regressado ao Porto concorreu a um lugar na Escola Médica do Porto, no ano de 1889, tendo como opositores Magalhães Lemos e Agostinho de Sousa. Defendeu então uma dissertação sobre O

⁵ Maximiano de Lemos. *A Medicina em Portugal até ao século XVIII (tentativa histórica)*, Porto, 1881.

⁶ Maximiano de Lemos. *A Medicina em Portugal até ao século XVIII (tentativa histórica)*, Porto, 1881, p. 14.

⁷ Ricardo Jorge. *Prefácio ao Anuario dos Progressos da História da Medicina*, número 1, Porto, Janeiro de 1884, p. XVI.

Problema da Imunidade da Tuberculose, que lhe valeu o provimento como lente substituto, tomando posse da cátedra de Medicina legal em 1895⁸.

Simultaneamente, estas actividades académicas não tinham impedido Maximiano de Lemos de continuar os seus trabalhos como historiador da medicina, área na qual foi muito inovador, desbravando terreno. Em 1889, o material publicado nos citados *Arquivos (...)* deu origem à publicação, em dois volumes, da primeira *História da Medicina em Portugal*, encetando em seguida a *História do Ensino Médico do Porto*. Entretanto, os *Arquivos (...)* passaram por dificuldades. Encerraram em 1894, mas reabriram dois anos volvidos⁹.

Ricardo Jorge, que tanto incentivara a conservação de matérias para os progressos e história da medicina, foi elogiado pelo seu amigo num discurso proferido na Sociedade de Medicina e Cirurgia, em sessão solene ocorrida em 1905. Nessa ocasião, Maximiano de Lemos enalteceu o seu condiscipulo, mas procurou tornear ou evitar o panegírico, eventualmente concretizável através do recurso a um tom encomiástico, igualmente posto de parte: «complexa é a obra científica de Ricardo Jorge, mas podemos distinguir n'ella quatro secções (...). Há que estudá-lo como nevrologista, como pedagogista, como hydrologista e como higienista.»¹⁰

Em todos os âmbitos de estudo Ricardo Jorge evidenciou uma preocupação experimental, associada a uma atitude incentivadora de uma reforma pedagógica da Medicina, ambas cultivadas por Maximiano de Lemos. Como representante do Porto no Conselho de instrução em 1884, aquele estudioso distinguiu o trabalho clínico da Escola do Porto do respectivo ensino, elogiando a dimensão prática do primeiro em contraste com a feição livresca do segundo: «Manteve-se na escola do Porto o espirito pratico que a caracterizava, contrastando singularmente com o character transcendente e metaphisico que tinha então o ensino na faculdade (...)».¹¹

Em paralelo com a cátedra de Medicina Legal, Maximiano de Lemos realizou a biografia de três médicos expatriados por serem Judeus. Assim, dedicou-se a Amato Lusitano (1907), Zacuto Lusitano (1909) e Ribeiro Sanches (1911). Também biografou médicos espanhóis, como André Laguna e Deza Chacon. Publicou ainda um estudo sobre médicos portugueses em Salamanca no século XVI, mas também não se esqueceu de pesquisar em torno de *Camilo e os médicos*, ou de *Gil Vicente Naturalista*.

O autor não se interessava apenas por biografar médicos, nem o fazia por corporativismo profissional. O seu principal interesse era implicar a História da Medicina na História da Cultura Portuguesa, integrando aquela nesta. Hernâni Monteiro descreveu uma parte do dia-a-dia do futuro colaborador da *Revista de História* até 1911, ano no qual

⁸ Cfr. *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, vol. 14. Lisboa: Página Editora.

⁹ Cfr. Hernâni Monteiro, "Escorço biográfico...", p. 14.

¹⁰ Maximiano de Lemos. *A Obra Científica de Ricardo Jorge, Porto: Typographia a vapor Arthur José de Souza e irmão*, 1905.

¹¹ Maximiano de Lemos. *A Obra Científica de Ricardo Jorge, Porto: Typographia a vapor Arthur José de Souza e irmão*, 1905, pp. 22-25.

deixou a Medicina Militar e a Faculdade, devido a uma deliberação da Junta Hospitalar de Saúde, em virtude de ter-lhe sido diagnosticado um problema de surdez: «tempos felizes aqueles em que a Escola terminava os trabalhos e encerrava as suas portas às três horas da tarde e os professores, depois, iam tranquilamente para a sua clínica ou para o remanso das suas Bibliotecas (...)»¹².

Maximiano de Lemos articulou, enquanto pôde, o ensino com a investigação. Quando foi forçado a deixar aquele, por doença, passou a ter mais tempo para esta, dado que era um assíduo frequentador de arquivos e bibliotecas, como reconhece Alberto Saavedra: «Absorvido em seu labor, assíduo freguês das bibliotecas, dos arquivos, folheando, sondando sem pausa velhos livros, velhos (...)»¹³. Nesta conjuntura propícia a colocar em prática o amor pelos livros e a prática de investigação, Maximiano de Lemos começou a colaborar em 1913 na *Revista de História*, acrescentando novos dados ao seu trabalho anterior sobre *Amato Lusitano*. Entretanto, em 1916 foi convidado a regressar à Faculdade, para reger as cadeiras de Ética Profissional e História da Medicina.

Todavia, apenas começou a leccionar em 1920. No entanto, a sua investigação histórica nunca parou e, revigorado por este novo estímulo na carreira docente, deu à estampa, no periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo, uma biografia de Damião de Góis, que começou a publicar-se no último ano referido e foi saindo até 1922, denotando um trabalho de pesquisa e escrita bem mais antigos. No ano de 1923, acometido por uma Leucoplasia Lingual, que o obrigou a deixar de falar, Maximiano de Lemos abandonou o ensino, vindo a falecer a 6 de Outubro desse ano.

2.1. Maximiano de Lemos na *Revista de História*: Historiador da Medicina ou Cultor de Clio *tout court*?¹⁴

No periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo, Maximiano de Lemos comportou-se sobretudo como um historiador, interessado em divulgar percursos humanistas. Este médico e Professor da Faculdade de Medicina do Porto escolheu como objecto de estudo um autor que, mais de três séculos antes, tinha tido a mesma profissão. Trata-se de Amato Lusitano, humanista contemporâneo de Garcia de Orta. O artigo do colaborador da *Revista de História* pode ter sido motivado pela notada afinidade de ofício entre biógrafo e biografado. Todavia, o interesse do docente universitário portuense pelo seguidor quinhentista de Galeno não sofreu geração espontânea, e já vinha de longe, tendo sido expresso em trabalhos anteriores, aos quais o estudo dado à estampa no

¹² Maximiano de Lemos. *A Obra Científica de Ricardo Jorge*, Porto: Typographia a vapor Arthur José de Souza e irmão, 1905, p. 17.

¹³ Alberto Saavedra. *Maximiano de Lemos (1860-1923): no primeiro centenário do seu nascimento palavras proferidas na Biblioteca de Maximiano de Lemos (Peso da Régua) em Dezembro de 1960*. Porto: Araújo e Sobrinho e Sucrs, 1960. p. 14.

¹⁴ Cfr. Nuno Bessa Moreira. *A Revista de História (1912-1928): Uma Proposta de Análise Histórico-Historiográfica*, vol.1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Dissertação Doutoramento], pp. 580-586.

periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo acrescenta novidades, conforme se pode verificar desde o título escolhido, *Amato Lusitano Novas Investigações*.¹⁵.

Maximiano de Lemos, antes de expor em sequência cronológica os principais momentos da Vida de Amato Lusitano – e de, através deles, proceder ao retrato de um dos principais médicos da História portuguesa, concretizando o colaborador da *Revista de História* um trabalho incidente sobre a História da Medicina por via do esboço relativo a uma das suas personalidades – contribui para uma sociologia sumária e impressionista dos seus colegas médicos que, como ele, se dedicavam a historiar a Medicina Portuguesa. Ao Professor da Faculdade de Medicina do Porto interessava, preferencialmente, pesquisar as fontes e os testemunhos sobre Amato Lusitano, exercendo sobre eles uma crítica erudita, mais externa do que interna, assente na formalização de citações, baseadas estas em elementos de prova de índole documental e manuscrita. O colaborador do periódico em análise actua nele mais como historiador do que enquanto médico, a tal ponto que procura rastrear as datas correspondentes: ao início e fim do estudo de Amato Lusitano em Portugal; ao seu regresso ao nosso país; à ida para Antuérpia e depois para várias cidades italianas. Em todos estes aspectos exprime Maximiano de Lemos discordâncias com Max Salomon, demonstrando que encara como natural a divergência e contradição entre intelectuais como vector indispensável ao avanço científico, podendo ler-se o seu reconhecimento para com a atenção devotada pelo médico germânico aos seus estudos como um compromisso entre a retórica protocolar e a vontade de estreitar laços de sociabilidade, partilhando aprendizagens e conhecimentos decorrentes de interesses temáticos similares, de forma a ajudar a criar uma comunidade científica em volta deles¹⁶. Acresce que Salomon corrigira Lemos. Este devolveu o gesto do médico alemão à procedência, rectificando os respectivos erros, apontando-lhe omissões: «Não mencionou o Sr. Max Salomon a data de falecimento do médico português¹⁷».

Em 1919, Maximiano de Lemos regressou à História dos intelectuais na *Revista de História*, escolhendo debruçar-se de novo sobre um humanista, Damião de Góis, que não era médico. A Historiografia praticada pelo colaborador da *Revista de História* prolonga os traços anteriormente evidenciados, ao nível metodológico, e no que tange à perspectiva utilizada. A novidade reside no reforço da pesquisa em torno da História da Medicina. Quanto ao mais, repete-se um estudo de teor biográfico que segue a sequência diacrónica da vida de uma personalidade histórica quinhentista, dividida em quatro fases. A primeira acompanha o nascimento de Damião de Góis em 1502, em Alenquer, e a sua estadia na corte de D. Manuel entre 1502 e 1521. Em 1521, o humanista testemunha a morte do rei e é acometido por profunda tristeza. Sobre a morte de D. Manuel, Lemos

¹⁵ Maximiano de Lemos. “Amato Lusitano: novas investigações”. In *Revista de História*, vol. 2, n.º 5. Lisboa: Clássica Editora, 1913, p. 25.

¹⁶ Resolvemos incluir o artigo de Maximiano de Lemos, no âmbito da História dos Intelectuais, em detrimento da História da Medicina devido à consideração da ainda maior incipiência desta, em face da metodologia utilizada pelo médico portuense, que privilegiou as viagens do humanista quinhentista por toda a Europa, ao invés de fixar o respectivo pensamento teórico – prático em torno da Medicina.

¹⁷ M. de Lemos. “Amato Lusitano...”, p.31.

interessa-se, enquanto clínico, pelas respectivas causas – mas não possui elementos suficientes para alimentar uma tese própria –, contestando a versão de Sousa Viterbo e do seu amigo Ricardo Jorge sobre o infausto acontecimento. O primeiro filia-o na Peste que grassara, conjugada com excesso de actividade sexual. O segundo avança como causa do óbito uma *encefalite letárgica*. Em seguida, Damião de Góis relatou a vida de Diogo de Sequeira e recebeu, em Lisboa, polacos e venezianos. A segunda fase da vida do humanista português decorreu nos Países Baixos, entre 1523 e 1529, onde foi leitor na Flandres. Em 1921 foram publicadas as investigações de Maximiano de Lemos sobre a terceira e quarta fases no percurso intelectual de Damião de Góis. A terceira passou-se em Itália, entre 1534 e 1538, onde concretizou estudos. Esta estadia foi precedida pela recusa do cargo de Secretário da Casa da Índia, em finais de 1533. Por fim, a sua última residência nos países Baixos ocorreu numa quarta fase da sua trajectória, entre 1538 e 1545, na qual o humanista casou, tendo tido a breve trecho dois filhos. Paralelamente, o seu livro *Fides* teve problemas com a Inquisição e o conflito europeu entre Carlos V e Francisco I ganhou expressão incontornável. Entretanto, D. João III queria que Góis regressasse a Lisboa para o exercício de funções públicas. O autor assim fez, até porque tinha a mulher doente e, por essa razão, impunha-se que voltasse à Pátria. Assim termina a narrativa historiográfica de Maximiano de Lemos, certamente subsidiária do decurso dos acontecimentos impostos pela realidade dos factos. Mas este desfecho também pode significar o retorno de um notável à sua Pátria, força centrípeta que funcionaria como matriz nacional, e emblema, de todos os ímpetus cosmopolitas¹⁸.

Por seu turno, Tiago de Almeida teve um percurso biográfico diverso, mas também aproveitou a Revista de História para se debruçar sobre Damião de Góis, sobrepondo-se claramente, na sua prática historiográfica, o médico ao historiador.

2.2. Tiago de Almeida: Da Colaboração na Revista de História aos Arquivos de Clínica Médica

Tiago Augusto de Almeida veio ao mundo em Esposende em 1864¹⁹. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1893. Nesse mesmo ano, começou a dar os primeiros passos na carreira, mas, ao contrário de Maximiano de Lemos, tal ocorreu, numa primeira fase, fora da Faculdade. Um condiscípulo daquele recém-licenciado, Monteiro Delgado, ressaltou o facto de o seu amigo ser, supostamente, um filho extremoso e dedicado, que prestava auxílio à mãe, apesar de sofrer de problemas de saúde

¹⁸ Cfr. Maximiano de Lemos. “Damião de Góis”. In *Revista de História*, vols. 9 /10, n.ºs 33, 36, 37. Lisboa: Clássica Editora, 1920-1921. Sobre Damião de Góis existem numerosos estudos. Destacamos, a título indicativo, apenas alguns: Marcel Bataillon. *O Cosmopolitismo de Damião de Góis*. Lisboa : Seara Nova, 1938; Amadeu Torres. *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana*, Volume 2: *Damião de Góis na Mundividência do Renascimento Análise ideológica, Estético- Crítica, Apêndice Diplomático*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/ Centro Cultural Português, 1982; A.A.V.V. “Pedro Nunes e Damião de Góis Dois Rostos do Humanismo Português”. *Actas do Colóquio no V Centenário do Nascimento*, Coordenação de Aires A. Nascimento, Lisboa: Guimarães Editora, 2002; Luís Filipe Barreto. *Damião de Góis Os Caminhos de um Humanista*, Lisboa: C.T.T., 2002.

¹⁹ *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, volume 2 [ALMA- APUA]. Lisboa: Página Editora, S/d, p. 67.

que o condicionavam, padecendo de Tuberculose, doença que lhe fragilizava o organismo, tornando a experiência clínica na província árdua e difícil. Entretanto, Tiago de Almeida foi nomeado professor interino de Liceu, para o qual se deslocava, alegadamente, num estado febril²⁰.

Foi nomeado, em 1906, lente da Secção Médica (precedendo concurso)²¹. Exerceu o cargo de secretário da escola entre 1907 e 1910. Em 1907 foi promovido a lente proprietário. Ensinou Matéria e Clínica Médica. Nesta última cadeira esteve interinamente até 1919, data em que passou a regê-la. Este docente era, desde 1911, professor extraordinário (com categoria de ordinário) de Medicina Interna. O futuro colaborador da *Revista de História* investigava assuntos relacionados com a Tuberculose desde 1895, pelo que não é de estranhar que se tenha tornado sócio da Sociedade de Ciências Médicas, da Associação Internacional contra a Tuberculose de Berlim e da Academia de Ciências de Lisboa.

Em 1921 publicou, no periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo, um artigo sobre *As Vertigens de Damião de Góis*, no qual são essencialmente notórios os seus conhecimentos de *Clínica Médica*, em detrimento de uma prática historiográfica vinculada, de modo mais estrito, à ciência de Clio, da qual Maximiano de Lemos estava mais próximo.

Por outro lado, Tiago de Almeida liderou um projecto pertencente à imprensa periódica médica num momento bem mais tardio do que o seu colega ante-citado. Trata-se dos *Arquivos de Clínica Médica*, dados à estampa pela primeira vez em 1925, ano de centenário da Escola Médico Cirúrgica do Porto. No seu editorial, Tiago de Almeida explica que esta iniciativa surgiu para divulgar os trabalhos dos médicos durante um ano em curso, constituindo um antídoto contra a crise que a imprensa especializada nesta área estava a passar: «A Clínica Médica da Faculdade tomou a iniciativa de organizar estes – Arquivos –, onde ficarão registados os trabalhos feitos durante o ano lectivo nos respectivos serviços hospitalares, que mereçam ser conhecidos (...).»²²

3. A admiração de Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida por Pedro Dias

O elogio de mestres pelos seus discípulos era uma prática corrente entre finais do século XIX e princípios do seguinte entre eruditos. Esta prática exprimia gratidão destes para com aqueles e o enaltecimento das respectivas qualidades. Contudo, o tributo constituía uma oportunidade que os mais novos aproveitavam para se colocar sob a protecção simbólica conferida pela autoridade e pelo prestígio dos mais velhos, dela

²⁰ Cfr. A. Martins Delgado. “Tiago de Almeida”, in *Doutor Tiago de Almeida*, Edição do Anuário do distrito de Viana do Castelo, Viana do Castelo, Tipografia Minerva, 1933, p. 9.

²¹ Cfr. A. Martins Delgado. “Tiago de Almeida”, in *Doutor Tiago de Almeida*, Edição do Anuário do distrito de Viana do Castelo, Viana do Castelo, Tipografia Minerva, 1933, p. 10.

²² Tiago de Almeida. “Introdução”, in *Arquivos de Clínica Médica*, tomo 1, número 1, Porto, Hospital de Sto António – Serviço de Clínica Médica, Junho de 1925.

beneficiando. Por outro lado, o resgate de certas personalidades de possível esquecimento configurava um gesto de perpetuação e consolidação de várias ciências. A medicina não fugia a esta regra.

Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida demonstraram enorme admiração por um mesmo mestre da Escola Médica do Porto, Pedro Dias, manifestando-a ambos por escrito, recorrendo todavia a estilos algo diferentes, associados à expressão de duas personalidades diversas. Enquanto no primeiro caso a homenagem foi realizada em vida do homenageado, no segundo efectiva-se um elogio fúnebre. Por outro lado, enquanto Maximiano de Lemos realizou um opúsculo autónomo, Pedro Dias materializou uma colectânea na qual lembrou várias personalidades entretanto desaparecidas. Acresce que o autor da *História da Medicina* começou o seu texto pela referência à maneira de ser e estar do homem que escolheu para sobre ele se debruçar, sublinhando o respectivo estilo de vida pacato e recolhido, vivendo entre árvores e livros na casa de Paranhos.

Nota-se, desde as primeiras linhas do trabalho em análise, uma grande proximidade entre aquele investigador e o objecto das suas atenções, expressa de modo sóbrio, mas perceptível, ainda que Maximiano de Lemos se tenha esforçado por utilizar uma linguagem simples, clara, arredia a um derramamento de *estados de alma*. Procurou pautar-se pela objectividade, evitando qualquer proliferação incontida de adjectivação ou de analogias. Preferiu apresentar uma concisa biobibliografia de Pedro Dias, exposta cronologicamente, evitando analisar aprofundadamente o perfil intelectual do médico, eximindo-se a apreciar teórico-metodologicamente a obra escrita do homenageado.

Todavia, não deixou Maximiano de Lemos de abordar alguns momentos do percurso do mestre, sublinhando que se tornara bacharel em Filosofia, formando-se em seguida em Medicina, em qualquer dos casos na Universidade de Coimbra. Depois rumou até ao Porto, em cuja Escola assumiu, a 14 de Abril de 1864, o cargo de Lente Demonstrador, sendo promovido a Lente Substituto em Janeiro do ano seguinte e proferindo a oração de sapiência de abertura das aulas em 1866.²³

A carreira de Pedro Dias não se limitou ao ensino universitário ou ao exercício da clínica, conforme Maximiano de Lemos reconheceu. Este reconhecimento derivaria de uma afinidade sentida, dado que o autor do opúsculo de homenagem também estudou a história portuguesa. No caso de Pedro Dias, dedicou-se, por exemplo, a investigar as lutas liberais no Porto, dado que o seu pai, liberal moderado, fora inclusive preso pelos absolutistas. Esta investigação conduziu à publicação, em volume, de *Subsidios para a história politica do Porto (1823 – 1829)*, ocorrida em 1895. Sobre este assunto, o elogio de Maximiano de Lemos é significativo, uma vez que, através dele, o autor da *História da Medicina* expõe as suas próprias ideias sobre a pesquisa científica, em sintonia com o perfil de Pedro Dias: «O maior elogio que eles [Os *Subsidios*] merecem está nas próprias palavras

²³ Cfr. Maximiano de Lemos. *Dr. Pedro Dias Separata do número 3 dos Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, Porto: Tipografia a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1915, p.6.

do autor (...). Nenhuma asserção há no livro que se não baseia em documento autêntico (...).²⁴

Maximiano de Lemos sublinhou a sua admiração pela personalidade cujo trajecto estudou quando se referiu ao interesse de Pedro Dias pela História da Medicina – área pouco investigada e considerada difícil –, ainda que reconhecesse a escassa apetência do autor pela transmissão dos seus conhecimentos nessa matéria: «(...) Entre os poucos que se interessam por tais estudos, mais fatigantes que proveitosos (...) entre nós adquirira o senhor Pedro Dias indiscutível autoridade (...)»²⁵. Percebe-se que Maximiano de Lemos apreciava a erudição e a crítica como requisitos indispensáveis às práticas historiográficas mais recomendáveis.

Por seu turno, o exercício de memória de Tiago de Almeida acerca de colegas e amigos entretanto falecidos procurou seguir igualmente os preceitos da objectividade, sem perder a ocasião de no intróito à sua obra, alinhar algumas notas nostálgicas que terão presidido ao seu empreendimento: «As palavras enfeixadas neste livro foram dedicadas a colegas e amigos que passaram já pela vida do meu coração (...)».²⁶

De entre as personalidades evocadas avulta a de Pedro Dias. O trabalho de Tiago de Almeida é explicitamente devedor das informações alinhadas por Maximiano de Lemos, assumindo claramente essa dívida ao elogiar a «opinião autorizada de Maximiano de Lemos que nos está servindo de guia na pesquisa relativa ao labor literário do nosso saudoso mestre. O grande historiador da Medicina portuguesa, e que foi um dos maiores e mais íntimos amigos de Pedro Dias, exprime nos seguintes termos o seu conceito acerca dos *Subsidios para a história política do Porto*».²⁷

Não nos interessa, neste momento, o conceito do autor da *História da Medicina* sobre os *Subsidios* (...) de Pedro Dias. Contudo, ganha particular relevância a opinião de Tiago de Almeida sobre o mestre falecido, dado que aquele utilizou esta personalidade como exemplo e emblema de convicções pessoais sobre a separação desejada entre o ensino e a investigação da Medicina: «O Dr. Pedro Dias pode servir de modelo aos que adentro do magistério médico com vontade se queiram dedicar ao ensino. Não resiste à vontade firme de ensinar (...)»²⁸.

Esta perspectiva resulta tanto mais relevante quanto colide, parcial e implicitamente, com a reticência notada por Maximiano de Lemos em Pedro Dias na divulgação de matéria investigada.

²⁴ Cfr. Maximiano de Lemos. *Dr. Pedro Dias Separata do número 3 dos Arquivos de História da Medicina Portuguesa, Porto: Tipografia a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1915, p.11.*

²⁵ Cfr. Maximiano de Lemos. *Dr. Pedro Dias Separata do número 3 dos Arquivos de História da Medicina Portuguesa, Porto: Tipografia a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1915 p. 12.*

²⁶ Tiago de Almeida. *Prólogo a In Memoriam Colegas e Amigos, Porto: Araújo e Sobrinho, 1936, s.n.*

²⁷ Tiago de Almeida. *Prólogo a In Memoriam Colegas e Amigos, Porto: Araújo e Sobrinho, 1936, s.n. p. 100.*

²⁸ Tiago de Almeida. *Prólogo a In Memoriam Colegas e Amigos, Porto: Araújo e Sobrinho, 1936, s.n., .p. 97.*

4. O tributo de Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida à Escola Médico-Cirúrgica do Porto

No ano do centenário da criação da Escola Médico-Cirúrgica do Porto foram publicados dois trabalhos de Maximiano de Lemos (falecido em 1924) e Tiago de Almeida, que contribuíram para a história da instituição onde se formaram e da qual se tornaram professores, entretanto denominada Faculdade de Medicina do Porto. No primeiro caso foi dado à estampa o estudo intitulado *O Ensino Médico no Porto*²⁹, enquanto que no segundo foi realizada uma palestra a 23 de Junho, depois publicada em livro, sobre a *Evolução da Clínica Médica na Escola do Porto*³⁰.

Desde os títulos expostos, estamos perante duas práticas historiográficas diversas. Enquanto Maximiano de Lemos procura concretizar uma abordagem mais ampla do ponto de vista temático, debruçando-se sobre as origens e a evolução da Escola em Causa, Tiago de Almeida prefere encetar uma investigação mais circunscrita, limitando-se a tentar perceber o desenvolvimento da disciplina que ensinava, a Clínica Médica. Uma rápida e breve análise dos índices das duas obras confirma a diferença de enfoque.

O primeiro estudo começa por referir-se ao ensino de cirurgia antes da fundação da Escola, passando em seguida a acompanhar a organização da instituição. Servem estes dois capítulos como enquadramento às biografias dos Professores das várias disciplinas, v.g. cirurgia e anatomia³¹. Por seu turno, a segunda investigação demora-se menos na evolução Oficial da Escola do Porto, tratando também dos Progressos das Ciências Médicas e sua Influência na Clínica, posto o que se debruça sobre a biografia dos Professores de Clínica Médica, interessando-se também pela expansão desta enquanto prática, abordando hospitais, consultórios, casas de saúde e estâncias termais, mas também a imprensa, as sociedades médicas e os congressos. Por outro lado, a Clínica Médica apresenta uma vertente social, ligando-se, entre outros assuntos, à luta contra o cancro e a tuberculose, esta última desde sempre muito cara à personalidade em causa, que termina a sua investigação através da referência afectiva a médicos da aldeia e clínicos mais antigos³².

Do ponto de vista metodológico, Maximiano de Lemos procurou realizar uma incipiente crítica de fontes, utilizando e citando documentos de natureza variada, como leis, relatórios, registos, testemunhos, enquanto o seu colega evitou indicar ou citar as fontes que consultou, pautando-se por um notório impressionismo.

²⁹ Cfr. Maximiano de Lemos. *História do Ensino Médico no Porto*, Porto, Tip. A vapor da «Enciclopédia Portuguesa, 1925.

³⁰ Cfr. Tiago de Almeida. *Evolução da Clínica Médica na Escola do Porto*, Porto, Emp. Indust. Gráfica do Porto, 1925.

³¹ Cfr. Tiago de Almeida. *Evolução da Clínica Médica na Escola do Porto*, Porto, Emp. Indust. Gráfica do Porto, 1925, p. 247.

³² Cfr. Tiago de Almeida. *Evolução da Clínica Médica na Escola do Porto*, Porto, Emp. Indust. Gráfica do Porto, 1925 p.7.

5. Correspondência para Antero de Figueiredo: Um amigo em comum

Na época de Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida a troca de correspondência era uma das formas preferenciais de comunicação entre intelectuais. A escrita epistolar constituiu uma fonte relevante para a compreensão da intimidade entre personalidades envolvidas, mas também das respectivas ideias sobre a vida, os outros seres humanos, o mundo.

Em seguida apresentamos alguns exemplos desta forma de contacto. Trata-se de cartões e cartas escritos por Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida, dirigidos a Antero de Figueiredo. Não pretendemos deles extrair modelos de convívio entre os intelectuais, nem arquitectar generalizações acerca de relacionamentos. Pelo contrário, interessam-nos informações escassas e esparsas, por vezes sem ligação entre elas, mas que possam ajudar a construir uma narrativa aberta, que acolha lacunas e hiatos, permitindo perceber um pouco melhor, de forma lacunar mas impressiva, o modo como Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida transmitiam as suas inquietações, idiosincrasias ou maioritariamente simples impressões circunstanciais sobre o quotidiano.

A 5 de Agosto de 1912, o autor de *História da Medicina em Portugal* informa Antero de Figueiredo acerca do diagnóstico a que chegou através do exame de uma pessoa doente, que não conseguimos identificar, mas parece tratar-se de uma paciente do sexo feminino. Maximiano de Lemos procede a um exame de sinais e infere cautelosamente algumas conclusões, baseadas na observação e no método experimental, defendidos no plano teórico pelo Professor da Faculdade de Medicina do Porto, mas também colocado em prática empiricamente, ressaltando a fisionomia do indivíduo com patologia: «Compleição delicada, de pele fina (...) mucosas palidas (...) de coração tem energia, o seu temperamento predispunha-a para as doenças crónicas (...), tuberculose (...)»³³.

Raras vezes surpreendemos o historiador da Medicina enquanto clínico. Este seu depoimento é relevante sob esta perspectiva, mas também pelo tom prudente com o qual aborda uma situação que assume como problemática, encarando o conhecimento científico enquanto processo em aberto, sujeito a debate e a contradições. Por outro lado, revelou preocupações éticas, as mesmas que parece evidenciar quando se desculpa por não ter assistido ao lançamento de uma conferência de Antero de Figueiredo, devido ao facto de ter de se deslocar para assistir ao funeral de um amigo³⁴.

No dia 26 de Dezembro de 1922, logo a seguir ao natal, Maximiano de Lemos comparece como historiador *tout court*, papel para o qual fora, segundo se percebe e insinua, solicitado pela curiosidade do amigo Antero de Figueiredo, escritor com créditos firmados no romance histórico, certamente interessado por matérias relacionadas com *Clio* e que lhe alimentavam a escrita ficcional.

³³ Maximiano de Lemos. Correspondência para Antero de Figueiredo, 5 de Agosto de 1912 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3102].

³⁴ Cfr. Maximiano de Lemos. Correspondência para Antero de Figueiredo, 8 de Maio de 1914 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3103].

Acresce que o autor da *História da Medicina* pronunciou-se, na ocasião em análise, acerca das crónicas incidentes sobre D. Sebastião, monarca sobre o qual se acendera viva polémica desde a sua morte. O recurso estilístico preferencialmente utilizado por Maximiano de Lemos é a enumeração, dado que o autor pretende ser rigoroso e exaustivo na demonstração do seu escrúpulo erudito, indicando os cronistas que conhece sobre a questão em exame. Desconhecemos se essa indicação pressupõe qualquer gradação ou hierarquia. Assim, são apontados os seguintes nomes³⁵: Frei Luís de Sousa; D. Frei Bartolomeu dos Mártires; Diogo Barbosa Machado; José Pereira Baião, Baltasar Teles; Frei Manuel do Santos; Frei António da Piedade; Frei António da Purificação.

Por seu turno, o impulsionador dos *Arquivos de Clínica Médica* também colaborava, provavelmente, com outras publicações, inclusive as situadas fora do âmbito da Medicina. Só assim se entende o pedido endereçado num Bilhete Postal a 2 de Agosto de 1918 à Administração do jornal *A Pátria*: «Pede o favor de me custear o jornal o favor de me custear o Palace Hotel - Curia».³⁶

Tiago de Almeida nunca comparece como Historiador nas cartas que lemos de sua autoria, dirigidas a Antero de Figueiredo. Inversamente, a sua preocupação com o serviço hospitalar do qual fazia parte assoma em 1919, sob a forma de uma contida, mas sentida, declaração de amor, à qual associa o agradecimento pelas visitas de Antero de Figueiredo à sua pessoa, demonstrativas da amizade entre ambos e da assiduidade de contactos dela decorrente: «Senti não estar em causa que tenho a honra e o prazer de suas visitas (...) a homenagem só é merecida pelo amor que tenho ao meu serviço hospitalar e pelas annoyas (...) em o deixar (...)».³⁷

Apesar de em 1919 Tiago de Almeida ainda se encontrar longe de deixar a clínica ou o ensino já se preocupava com isso. Desconhecemos os motivos de tal preocupação, mas podem estar relacionados com uma saúde pautada, desde cedo, por momentos de grande fragilidade. Entretanto, a 9 de Maio de 1929, o médico lembrou Antero de Figueiredo que este ainda não lhe enviara um livro da autoria do romancista e revelou estar muito ocupado com concursos na Faculdade de Medicina. Esta revelação demonstra que nem no ano de jubilação a actividade do professor abrandou, bem pelo contrário: «Ainda não recebi o seu livro, que eu esperava e espero, autorizado pela sua boa amizade (...). Ocupado com concursos na Faculdade, não tenho tido tempo».³⁸ Contudo, começou entretanto uma digressão pela Galiza.

A 9 de Julho de 1929, Tiago de Almeida informou Antero de Figueiredo do seguinte: «Interrompi a minha digressão pela Galiza, por motivos de doença (...) Apesar

³⁵ Cfr Maximiano de Lemos. Correspondência para Antero de Figueiredo, 26 de Dezembro de 1922 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto M- AF 3104 (1)].

³⁶ Bilhete Postal de Tiago de Almeida para o director do jornal *A Pátria*.

³⁷ Correspondência de Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo, Janeiro (?) de 1919 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3500].

³⁸ Correspondência de Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo, 9 de Maio de 1929 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto,: M- AF 3501(1)].

de tudo pude mais uma vez admirar a formosura dos rios que banham a Galiza.»³⁹. Não se pense, todavia, que o impulsionador dos *Arquivos de Clínica Médica* se limitou a passear por terras galegas, ou a extasiar-se com a respectiva beleza, uma vez que aproveitou a ocasião para visitar a Faculdade de Medicina existente na região, «uma região por tanto tempo desprezada pelos castelhanos»⁴⁰. Esta observação possui um teor político implícito e torna-se relevante, dado que não tivemos acesso a mais nenhum desabafo desta natureza por parte do autor.

A 17 de Janeiro de 1932, a dois de completar os 70 anos, o mestre de Clínica Médica desculpou-se por não ter estado presente na leitura pública de dois trechos de um livro de Antero de Figueiredo. Mas, mais do que a escusa, interessa-nos a consciência que Tiago de Almeida tinha das debilidades físicas que assombravam os seus dias, impedindo-o de estar presente em eventos públicos que consideraria importantes: «O frio intenso que tem feito impede-me de sair à noite (...).O frio é o terrível inimigo dos velhos com achaques»⁴¹.

No dia 30 de Dezembro de 1934, Tiago de Almeida agradece a oferta do livro *Miradouro* por parte do autor, Antero de Figueiredo, informando que a obra será lida com atenção: «(...) uma leitura que eu sei de antemão me será proveito e prazer (...) pelos primores da linguagem, pela atracção dos conceitos, pelo estilo apropriado. (...) na certeza de que será das melhores a impressão recebida na descrição dos tipos e na observação dos casos»⁴².

Em certa medida, Tiago de Almeida parece predisposto a analisar um trabalho literário como se estivesse a elaborar diagnósticos clínicos, recorrendo à *observação dos casos* e à *descrição dos tipos*. Contudo, o amigo de Antero de Figueiredo encontra-se na disposição de arriscar uma crítica mais literária, debruçando-se sobre *linguagem, conceitos e estilo*. Em face das informações de que dispomos sobre Tiago de Almeida, o autor não estaria muito habituado a fazer análises literárias. De resto, estamos perante a promessa de uma abordagem que não sabemos se chegou a realizar-se.

6. Observações Finais

A leitura de uma parte da correspondência de Maximiano de Lemos e Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo é susceptível de confirmar o seguinte. Enquanto o primeiro se destacou, ao longo da sua vida, pela escrita de trabalhos relativos à História e à História da Historiografia da medicina, o segundo só episodicamente se dedicou a esta última, já que sobre *Clio tout court* pouco ou nada terá investigado, ou disso não temos

³⁹ Correspondência de Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo, 9 de Junho de 1929 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3501(2)].

⁴⁰ Correspondência de Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo, 9 de Junho de 1929 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3501(2)].

⁴¹ Correspondência de Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo, 17 de Janeiro de 1932 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3503].

⁴² Correspondência de Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo, 30 de Dezembro de 1934 [Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto M- AF4333[47]].

conhecimento. De qualquer modo, quando saiu da sua área de conforto, a clínica médica em todas as suas dimensões, evidenciou-se mais como médico do que enquanto estudioso com aspirações historiográficas, mormente no artigo escrito para a *Revista de História e* nela publicado, intitulado *As Vertigens de Damião de Góis*. No texto sobre Pedro Dias, inspirou-se muito num trabalho de Maximiano de Lemos, acrescentando-lhe escassa novidade, a não ser a que se prende com uma maior valorização do ensino médico em relação à investigação. Nos *Arquivos de História da Medicina*, Tiago de Almeida publicou investigação, mas esta era essencialmente portadora de natureza clínica.

A incursão mais autónoma do médico pela História da Medicina realizou-se certamente por razões afectivas e incidiu sobre a *Evolução da Clínica Médica na escola do Porto*. Este investimento historiográfico é devedor da segurança que o autor exibiria no tema em apreço, dado que leccionou durante vários anos a disciplina em apreço.

Do ponto de vista metodológico, Tiago de Almeida praticou uma historiografia *impressionista*, assente na narrativa cronológica, de pendor *biografista*, incidente sobre os professores da cadeira em causa, eximindo-se a citar ou criticar as suas fontes ou a interpretar factos, limitando-se a descrevê-los, encarando-os como miméticos face à realidade histórica.

O estilo do autor resulta essencialmente descritivo, não arriscando opinar sobre os assuntos que trata, pretendendo ser objectivo e imparcial nos seus relatos. Esta prudência poderá ter-se devido a uma reserva ou eventual pudor do próprio Tiago de Almeida em tornar-se objecto do seu estudo, cujo título resulta, julgamos, enganador num dos limites cronológicos propostos: 1925. Nessa altura era o autor da *Evolução da Clínica Médica no Porto* o docente desta disciplina. Ao invés de referir-se a si próprio, optou por descrever o trabalho árduo dos médicos da aldeia seus contemporâneos. Nunca será demais lembrar que, antes de ter começado a dar aulas na Faculdade de Medicina do Porto, Tiago de Almeida fez clínica no seu Concelho. Por seu turno, Maximiano de Lemos foi essencialmente um investigador. Dedicou-se mais à História e à História da Medicina, comportando-se como um humanista, herdeiro do saber baseado na experiência de Amato Lusitano e, eventualmente, do cosmopolitismo universalista de Damião de Góis, ensaiando uma incipiente crítica de fontes.

Referências Bibliográficas:

Fontes

Almeida, Tiago de (1925). *Evolução da Clínica Médica na Escola do Porto*. Porto: Emp. Indust. Gráfica do Porto.

Almeida, Tiago de (1925). "Introdução". In: *Arquivos de Clínica Médica*, tomo 1, número 1. Porto: Hospital de Sto António – Serviço de Clínica Médica.

Almeida, Tiago de (1936). In *Memoriam Colegas e Amigos*. Porto: Araújo e Sobrinho.

Almeida, Tiago de (1919). *Correspondência para Antero de Figueiredo*, [Janeiro de 1919, Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3500].

- Almeida, Tiago de (1929). *Correspondência para Antero de Figueiredo*, [9 Maio de 1929, Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3501(1)].
- Almeida, Tiago de (1929). *Correspondência para Antero de Figueiredo*, [9 de Junho de 1929 Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3501(2)].
- Almeida, Tiago de (1932). *Correspondência de Tiago de Almeida para Antero de Figueiredo*, [17 de Janeiro de 1932, Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3503].
- Almeida, Tiago de (1934). *Correspondência para Antero de Figueiredo*, [30 de Dezembro de 1934, Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto M- AF4333[47]].
- Delgado, A. Martins (1933). “Tiago de Almeida”. In: *Doutor Tiago de Almeida*. Viana do Castelo: Tipografia Minerva, Edição do Anuário do distrito de Viana do Castelo.
- Jorge, Ricardo (1984). Prefácio ao Anuario dos Progressos da História da Medicina. *Anuario dos Progressos da História da Medicina*, número 1.
- Lemos, Maximiano de (1881). *A Medicina em Portugal até ao século XVIII (tentativa histórica)*. Porto.
- Lemos, Maximiano de (1905). *A Obra Científica de Ricardo Jorge*. Porto: Typographia a vapor Arthur José de Souza e irmão.
- Lemos, Maximiano de (1913). “Amato Lusitano: novas investigações”. *Revista de História*, 2, (5) p. 25.
- Lemos, Maximiano de (1915). Dr. Pedro Dias. *Separata do número 3 dos Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, p.6. Porto: Tipografia a vapor da Enciclopédia Portuguesa.
- Lemos, Maximiano de (1925). “Damião de Góis”, *Revista de História*, vols. 9 /10 (33, 36, 37).
- Lemos, Maximiano de (1925). *História do Ensino Médico no Porto*. Porto: Tip. A vapor da Enciclopédia Portuguesa.
- Lemos, Maximiano de (1912). *Correspondência para Antero de Figueiredo* [5 de Agosto de 1912, Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3102].
- Lemos, Maximiano de (1914). *Correspondência para Antero de Figueiredo*, [8 de Maio de 1914, Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto: M- AF 3103].
- Lemos; Maximiano de (1922). *Correspondência para Antero de Figueiredo*, [26 de Dezembro de 1922, Cota na Biblioteca Pública Municipal do Porto M- AF 3104(1)].

Estudos

- A.A.V.V. (2002). “Pedro Nunes e Damião de Góis Dois Rostos do Humanismo Português”. In: *Actas do Colóquio no V Centenário do Nascimento*, Coordenação de Aires A. Nascimento. Lisboa: Guimarães Editora.
- Barreto, Luís Filipe (2002). *Damião de Góis Os Caminhos de um Humanista*. Lisboa, C.T.T.
- Bataillon, Marcel (1938). *O Cosmopolitismo de Damião de Góis*. Lisboa: Seara Nova.
- Carbonell, Charles-Olivier (1981). Pour une Histoire de l’Historiographie. *Storia della Storiografia*, 1, pp. 7-25.
- Eddins, Berkley (1966). “Historical data and policy decisions: a key to evaluating philosophies of history.” *Philosophy and Phenomenological Research*, 26(3), p. 427.
- Moreira, Nuno Bessa (2012). *A Revista de História (1912-1928): Uma Proposta de Análise Histórico-Histógráfrica*, 2 vols. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Dissertação de Doutoramento].

Monteiro, Hernâni (1961). “Escorço biográfico de uma grande figura da medicina portuense: Maximiano de Lemos”. *Revista O Médico*, 489.

Saavedra, Alberto (1960). *Maximiano de Lemos (1860-1923): no primeiro centenário do seu nascimento*. Porto: Araújo e Sobrinho e Sucrs.

Torres, Amadeu (1982). “Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana”, In: *Damião de Góis na Mundividência do Renascimento Análise ideológica, Estético- Crítica*, Apêndice Diplomático, Volume 2. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/ Centro Cultural Português.